

RUBEM BRAGA

## No País da Flauta

**R**ECEBO um telefonema curioso. É um leitor que pergunta porque ainda não «gozei» essa história do «Félix I», o foguete com um gato vivo que o Exército vai lançar. Peço-lhe que se explique melhor e ele diz: «Você já viu alguma coisa mais ridícula que essa gente daqui querendo lançar foguetes, imitando os americanos e os russos?».

Tenho notado que a reação desse leitor não é original; pelo contrário, é uma reação comum, em muitos círculos, a essa notícia do «Félix I»: coisa que não pode ser levada a sério.

Não entendo nada do assunto, nem tenho qualquer informação especial, mas confesso que comigo não sucede o mesmo. Tenho lido esse noticiário com simpatia e curiosidade. Acho normal que, embora não esteja em condições de lançar um isputinique nem mandar um foguete à Lua, nossos técnicos militares façam experiências dentro do campo limitados pelos seus modestos recursos. Seria desejável que alguém do Exército explicasse isso com toda a clareza e seriedade, instruindo o público sobre o alcance e a utilidade de tais experiências. O que seria lamentável é que, em face dos incríveis progressos das grandes potências, nossos cientistas e técnicos militares adotassem uma atitude passiva. «Para que aperfeiçoar um morteiro, se já existe a bomba atômica?» — esta a pergunta que corresponde a um certo estado de espírito. Creio, pelo contrário, que ainda hoje é muito útil aperfeiçoar mesmo uma baioneta; acho interessantíssimo que alguém estude, por exemplo, o problema do conforto dos pés de soldado, criando modelos de botas e botinas melhores. Todo tipo de trabalho e de estudo é útil, e se não podemos aspirar no momento ir até Marte é mais que elogiável que procuremos saber alguma coisa a respeito da ionosfera.

Falando de um modo geral, tanto no campo civil como no militar, acho que um dos grandes pecados do atual governo é seu desprezo pela cultura. A construção da Universidade arrasta-se de maneira ignóbil. O número de brasileiros que se dedica a ciências é ridículo, pois não há facilidades nem estímulos. Como querer queimar etapas de nosso desenvolvimento nacional se não criamos um quadro abundante de técnicos e especialistas, se todo trabalho de pesquisa científica é desencorajado? Quantos físicos temos estudando no exterior — nestes tempos de domínio da Física?

Esses homens da Escola Técnica do Exército merecem a nossa simpatia. Que apareçam piadas sobre seus foguetes e chamem seu «Félix» de «Miau» é inevitável e bem carioca. Mas no fundo sabemos que temos de levar a sério homens que trabalham, que estudam, que analisam, que experimentam, que tentam fazer alguma coisa neste país da flauta.